

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

VANESSA DE PINHO SOARES

**A VIOLÊNCIA CONTRA O GÊNERO FEMININO EM “O CONTO DA AIA”: Uma
visão da Psicologia Social.**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

VANESSA DE PINHO SOARES

**A VIOLÊNCIA CONTRA O GÊNERO FEMININO EM “O CONTO DA AIA”: Uma
visão da Psicologia Social.**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profa. Me. Indira Siebra de
Holanda.

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

VANESSA DE PINHO SOARES

**A VIOLÊNCIA CONTRA O GÊNERO FEMININO EM “O CONTO DA AIA”: Uma
visão da Psicologia Social.**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 07/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: PROFA.ME. INDIRA SIEBRA DE HOLANDA.

Membro: PROFA.ME. JÉSSICA QUEIROGA DE OLIVEIRA. / UNILEÃO.

Membro: PROFA.ESP. NADYELLE DINIZ GINO. / UNILEÃO.

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

A VIOLÊNCIA CONTRA O GÊNERO FEMININO EM “O CONTO DA AIA”: Uma visão da Psicologia Social.

Vanessa de Pinho Soares¹
Indira Feitosa Siebra de Holanda²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender através da psicologia social os mecanismos de poder e controle que a sociedade reproduz e que são geradores das violências contra o gênero feminino articulando os saberes e analisando a obra O conto da Aia. É uma pesquisa descritiva tendo o seu delineamento como pesquisa bibliográfica e possui natureza qualitativa. Foram utilizados artigos científicos do período do ano de 2017 ao ano de 2023, tendo somente trabalhos produzidos por mulheres. Além disso, tem a pretensão compreender cada vez mais sobre os mecanismos que causam a violência contra a mulher. Tendo como finalidade observar a relevância de buscar reconhecer os tipos de violência de gênero como uma tentativa de possibilitar uma quebra da naturalização da dominação masculina, sendo importante serem analisados, discutidos e estudados por causa dos altos índices de violência doméstica e feminicídio. Possuindo o propósito de disseminar a importância dessa temática para todos os profissionais e dessa forma buscar romper com a naturalização das estruturas patriarcais e sexistas causadoras de sofrimento psíquico, físico, patrimonial, sexual e moral e de outras maneiras que atormentam as mulheres em diversas sociedades. Havendo a intenção de resgatar produções científicas publicadas por mulheres com a tentativa de valorização e reconhecimento dos seus trabalhos.

Palavras-chave: Violência de gênero. Psicologia Social. O conto da Aia.

ABSTRACT

The main objective of this work is to understand, through social psychology, the mechanisms of power and control that society reproduces and which generate violence against the female gender, articulating knowledge and analyzing the work *The Handmaid's Tale*. This is a descriptive study designed as bibliographical research and is qualitative in nature. Scientific articles from 2017 to 2023 were used, with only works produced by women. In addition, it aims to understand more about the mechanisms that cause violence against women. Its purpose is to observe the relevance of seeking to recognize the types of gender violence as an attempt to break the naturalization of male domination, being important to be analyzed, discussed and studied because of the high rates of domestic violence and femicide. The aim is to disseminate the importance of this theme to all professionals and thus seek to break with the naturalization of patriarchal and sexist structures that cause psychological, physical, property, sexual and moral suffering and in other ways that torment women in various societies. The intention is to rescue scientific productions published by women in an attempt to value and recognize their work.

Keywords: Gender violence. Social Psychology. *The Handmaid's Tale*.

¹ Vanessa de Pinho Soares. Email: vanessapinhosoares@gmail.com

² Indira Feitosa Siebra de Holanda. Email: indira@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Ao decorrer das décadas a mulher sempre foi associada a um ser faltante e defeituoso, visto que, os seus papéis e funções a todo momento estiveram pré-estabelecidos, com a justificativa baseada no seu órgão reprodutor, a mulher é definida como aquela que é esposa e mãe e ao mesmo tempo é o sexo frágil e objeto de desejo.

A psicologia social vai estudar justamente os conceitos que observam as representações sociais, os mitos e sistemas de crenças que proporcionam as reproduções de comportamentos, sendo esse, resultados das dimensões política, cultural, social e ideológica que geram a construção de símbolos e significados e conseqüentemente surgem os padrões, preconceitos, regras sociais, dogmas religiosos e preceitos morais que influenciam e definem os papéis de gênero (Strey *et al*, 2012).

A pesquisa tem o propósito de responder a seguinte problemática; como é possível observar a violência contra o gênero feminino na obra *O conto da Aia* a partir da visão da Psicologia Social? Perante o exposto a pesquisa buscará compreender através da psicologia social os mecanismos de poder e controle que a sociedade reproduz e que são geradores das violências contra o gênero feminino articulando os saberes e analisando alguns aspectos presentes no livro *O conto da Aia*. Tendo como objetivo identificar as relações de gênero na cultura patriarcal, articulando com o porquê da sua naturalização e resistência para a mudança através da Psicologia Social, procurando demonstrar na apresentação de algumas partes do livro *O conto da Aia* uma comparação do que acontece na distopia escrito por *Margaret Atwood* com acontecimentos da contemporaneidade.

O livro *O conto da Aia* que foi publicado em 1985, fala sobre uma distopia, que significa um cenário extremamente negativo e gerador de uma opressão intensa que acontece nos Estados Unidos. Um grupo se utiliza de crenças e dogmas que seguem fielmente, através de uma obediência extrema as escrituras de uma religião, eles tomam o governo e estabelecem a República de Gilead, as mulheres passam a se tornar não pessoas e conseqüentemente tem todos os seus direitos retirados e estão dentro de um cenário que servem apenas para a reprodução e os afazeres domésticos.

A pesquisa tem como justificativa pessoal o desejo de compreender cada vez mais sobre os dispositivos de poder e controle e suas conseqüências para uma tentativa de enfrentamento e cuidado por ser uma mulher na sociedade em meio a tantas violências e medos que cercam o corpo feminino. A justificativa social tem como objetivo observar a relevância de buscar reconhecer os tipos de violência de gênero como uma tentativa de possibilitar uma quebra da

naturalização da dominação masculina, sendo importante serem analisados, discutidos e estudados por causa dos índices de violência doméstica e feminicídio. A justificativa acadêmica tem como propósito disseminar a importância dessa temática para todos os profissionais e dessa forma buscar romper com a naturalização das estruturas patriarcais e sexistas causadoras de sofrimento psíquico, físico, patrimonial, sexual e moral e de diversas outras maneiras que atormentam as mulheres em diversas sociedades.

Diante dos objetivos traçados nessa pesquisa alguns dados estatísticos podem ser citados e dessa forma produzir reflexões sobre as violências contra o gênero feminino que estão presentes na sociedade contemporânea, a matéria do site Politoze tem o objetivo de comunicar as informações sobre o aumento da violência contra mulher na pandemia, cerca de 73,5% da comunidade considera que este tipo de violência cresceu durante a pandemia. Enquanto a quarentena surgiu de forma necessária, surgiu também como alvo de intensificação da violência doméstica, apesar da subnotificação ainda houve um aumento de 36% das denúncias de casos de violência contra a mulher no ano de 2020 e 2,2% dos registros de feminicídio (Barreira; Fonseca, 2022).

Entre maio e março do ano de 2020 houve uma diminuição dos registros de violência, consequentemente porque nesse período as mulheres estavam tendo mais obstáculos para efetuar as denúncias, decorrente do contato maior com o violentador e o uso frequente da manipulação do mesmo para que a denúncia não ocorresse, sendo necessário ressaltar também sobre a possível inexistência de rede de apoio dessas mulheres intensificada pelo distanciamento entre as pessoas. Uma em cada quatro mulheres brasileiras (24,4%) com mais de 16 anos afirmaram ter sofrido algum tipo de violência nos últimos 12 meses, tendo em vista que, cerca de 17 milhões de mulheres sofreram violência física, psicológica ou sexual nesse período (Barreira; Fonseca, 2022).

No ano de 2022, foi feito um estudo pelo Datafolha que recebeu a seguinte nomeação “Visível e Invisível: A vitimização de Mulheres no Brasil”, os dados recolhidos serviram para anunciar que em cerca de 50 mil mulheres sofreram algum tipo de violência, seja ela verbal, física ou até feminicídio a cada dia do ano em que a pesquisa foi formalizada (Machado, 2023).

As venezuelanas sofrem inúmeras violências ao atravessarem caminhos até o Brasil, país que escolheram para escapar da crise econômica. A matéria publicada em agosto do ano de 2023 destina-se para comentar que há legalização do aborto após o estupro ou casos que apresentem risco a saúde da gestante ou anencefalia fetal no Brasil, porém existe uma falha na comunicação quando se trata de informar as venezuelanas sobre o assunto, dessa forma dificultando os seus processos ainda mais, em alguns dos casos os estupros ocorrem dentro dos

abrigos, sem contar com a problemática de que muitas das mulheres não conseguem denunciar por causa do medo do que pode acontecer com elas (Alves, Semente, 2023).

O aborto só pode ser acionado se a vítima demonstrar o interesse, mas infelizmente muitas vezes essas informações não chegam até elas, sendo extremamente delicado sabendo que elas vieram de um país onde o aborto é crime. A pesquisa mostra que as imigrantes possuem mais medo de voltar para a Venezuela do que da violência sofrida no Brasil, o que expõe o tamanho das vulnerabilidades e dos riscos que essas mulheres estão sofrendo (Alves, Semente, 2023).

2 METODOLOGIA

O presente trabalho será elaborado com objetivo de pesquisa descritiva, com o intuito de descrever fenômenos de uma população, sendo possível também a natureza da relação entre eles, assim como também aspectos e normas sociais, através da coleta de dados, que buscam investigar crenças e opiniões de uma sociedade. O delineamento dessa pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, tem como objetivo recolher e analisar materiais já produzidos e publicados de forma diversificada sobre a temática como artigos científicos, livros, revistas, web sites, etc. (Gonsalves, 2005).

Sendo de natureza qualitativa, onde é necessário a coleta de dados e observação do fenômeno por meio dos significados, crenças, atitudes e valores do mesmo. A pesquisa qualitativa está pautada primordialmente a fazer análise de dados onde o pesquisador é o próprio meio para a construção da pesquisa, os símbolos e significações são ditos como pontos principais para esse tipo de pesquisa, onde os dados são descritos (Soares *et al*, 2018).

A pesquisa terá estudos entre sete anos de 2017 a 2023 e tem o objetivo de resgatar majoritariamente obras de autoras mulheres. As bases de dados utilizadas que compõem o material bibliográfico foram o Google Acadêmico, SciELO, periódicos CAPES e livros. O trabalho contém as palavras-chaves; Violência de gênero; Psicologia Social; O conto da Aia.

3 O PATRIARCADO

[...] E eu não sou a culpada, pelo estupro, a pedrada
Pelo meu sangue que vaza, pela minha pele que racha
Por estar sexualizada, por ser comercializada, por ter no
Corpo, as marcas [...] (Oliveira, 2019).

As relações entre os homens e as mulheres se sustentam desde os primórdios pela demarcação da hierarquia social, por meio das divisões de trabalho onde o ser social do homem identifica-se com as suas relações fora do ambiente familiar e o da mulher se resume aos afazeres domésticos, estando entre eles a obrigação do ato de servir e entreter o seu marido, cuidar da sua aparência também é uma das características impostas para as mulheres como uma obrigação diária, levando em consideração a cobrança de mostrar-se feminina dando uma ênfase maior a sua aparência, dessa forma a definindo pela maneira que se veste, quando o assunto é o homem isso pouco importa, dessa maneira a coletividade impõe um padrão de mulher a ser seguido, como um modelo ideal, com a imposição de que ela tem que agir de maneira respeitosa e angelical e ao mesmo tempo ocorre a objetificação do corpo feminino e conseqüentemente a erotização, destinando a mulher a ser alvo das fantasias masculinas (Beauvoir, 1967).

Segundo Minayo (2006), o Brasil apesar de ser considerado um país muito acolhedor é também bastante violento, a autora afirma que o país é fruto do estupro quando menciona a chegada dos colonizadores e a sua relação com os indígenas e cita a cultura escravocrata, o quanto as mulheres indígenas e negras sofreram e foram humilhadas, em um período que espalhou atos violentos de crueldade, desumanização, dominação e demonstração de poder, anulando e diminuindo completamente os povos que já viviam no território e os que foram obrigatoriamente trazidos, sendo devidamente importante ressaltar os marcos históricos que culminaram em tanta violência, tragédia, discriminação e racismo e tiveram como resultado a exploração sexual e do trabalho de mulheres e de criança.

De acordo com Zanello (2018), de acordo com as diferenças corporais expostas entre o homem e a mulher criou-se as desigualdades sociais que atormentam e massacram as mulheres, no século XV, em contraposição da liberdade estava a vida doméstica, levando em consideração que as mulheres querendo ou não estavam destinadas a serem responsabilizadas para os cuidados dos filhos, do marido e do lar, sendo muito fácil sempre colocar as mulheres como “históricas”, trazendo para a realidade atual percebe-se que as coisas não mudaram muito. Entre o século XVII e XIX ocorreu a Revolução Industrial e a inserção do capitalismo e com isso o surgimento da ideia e das lutas para a igualdade de todos, menos das mulheres.

Simone de Beauvoir ao tentar responder o que é ser mulher afirma que o homem é dito como regra, é naturalmente associado ao positivo, é reconhecido como um ser autêntico e autônomo e em seqüência a mulher é o lado negativo e faltante, algo pejorativo, aquela que é dominada pelos seus hormônios femininos e é dependente e pertencente ao masculino. A submissão da mulher vem da dominação, ao comparar a luta dos proletariados com a das

mulheres, pode-se entender que o fato de serem considerados proletariados é uma consequência de um desenvolvimento social de classe, que a pesar das desigualdades foi construído um movimento que gerou revoluções, mas em correlação as mulheres isso se torna mais complicado, estão associadas a uma estrutura biológica e conseqüentemente as divisões sexuais e em razão disso justificaram as diferenças sempre afirmando que a mulher é o sexo frágil, que precisa ser protegida, dominada e submetida, mulher aquela que é dependente de um pai, marido ou irmão, ou seja, sempre de uma figura masculina (Beauvoir, 1970).

De acordo com Zanello (2018), a construção social e histórica do gênero feminino e masculino foi utilizado como justificativa para atribuir a mulher o dever ser mãe e cuidadora, tendo em vista que;

Não se trata aqui de negar a diferença corporal, mas de apontar que certas diferenças foram eleitas em determinado momento histórico para justificar desigualdades sociais. Além de provocar adoecimento em parte das mulheres, esse espaço restrito trouxe outros dois fatores importantes: de um lado, um mal-estar que foi canalizado em movimentos sociais que fortaleceram, posteriormente, as lutas feministas (que inicialmente eram compostas por mulheres brancas de classe média e alta). E, por outro lado, esse espaço, restrito a domesticidade, foi apresentado como uma forma de empoderamento colonizado às mulheres. Por ter corpo de “mulher”, as mulheres foram exaltadas como mães, as formadoras do “futuro da nação” (Soihet, 1989; Matos, 2023, *apud* Zanello, 2018, p. 42).

Faltando nas mulheres a união para a coletividade, essa ação é fruto da estrutura social, ocorre divergente dos proletariados e de suas revoluções que tomaram algo para a comunidade que luta, as mulheres nada tomaram, só receberam aquilo que os homens quiseram ceder, estando sempre à mercê de um homem, dessa maneira não pertencendo a um conjunto de mulheres, a mulher sempre foi escrava do homem e em todo o caso quando se trata de uma relação de poder o opressor causa no oprimido medo, dependência ou esperança (Beauvoir, 1970). Os homens sempre tiveram vantagens em relação as mulheres e apesar das conquistas do mundo atual, ainda se nota uma violação dos direitos em relação a execução das leis que resguardam as mulheres, os homens ainda recebem mais, possuem cargos mais renomados, são enxergados como mais preparados, ocupam mais espaços na política e consecutivamente violentam e matam as mulheres.

O homem representado pelo patriarcalismo é o que caracteriza a dominação e o que possui a totalidade de poderes e imposições sobre a mulher que é levada a submissão e colocada em um lugar de não-valor, de acordo com Simone de Beauvoir (2016), a mulher é definida e considerada um objeto que vai se moldar socialmente a partir da visão masculina. Em qualquer tipo de relação social é considerado uma dualidade, nas relações entre homens e mulheres o outro que seria a mulher é desconsiderado e negado, um ser limitado e que deve obediência. A

mulher é definida como a louca, a sensível demais, o sexo frágil, a destinada a ser serena e que tem o dever de servir ao marido, a casa e aos filhos e o homem é definido como a figura de virilidade, de autoridade e quem possui liberdade sexual, pois é afirmado que é natural do homem ser assim. A mulher é vista como um erro enquanto o homem é o exemplo (Molari,2019).

É necessário ressaltar sobre a maneira desconfortável em que as mulheres se vestem desde muito tempo, vestimentas que atrapalham a sua desenvoltura em nome da elegância e sensualidade. Gostam de ver as mulheres cheias de adornos e enfeites, porém censuram-lhe, pois se não tiverem cuidado podem ser associadas a prostitutas e dessa forma exigindo socialmente das mulheres o bom comportamento, a feminilidade, a educação, docilizando os seus corpos e suas maneiras de expressão, caso fuja dessa concepção é mal interpretada e julgada, as casadas devem se vestir e se comportar de uma forma, as solteiras de outra e as mais velhas de outra, nunca estando bom o suficiente direcionando-lhe para um valor a partir do jeito em que ela se veste ou manifesta os seus gestos e conseqüentemente a luta insensatez para um modelo ideal de corpo de acordo com as imposições de cada época vivenciada (Beauvoir, 1967).

Sexo e gênero são coisas divergentes, sexo é algo biológico e gênero é algo simbólico, considerando que o mesmo é construído socialmente e culturalmente ao decorrer da constituição e reconstrução da humanidade que denominou características aos diferentes papéis sociais. Toda sociedade possui sistemas que englobam os gêneros interligado ao sexo fisiológico e que possuem o objetivo de favorecer o sistema de produção, como por exemplo, a divisão sexual do trabalho. Os estudos de gênero procuram estudar sobre uma visão masculina, que pode ser claramente distorcida e mal interpretada, levando em consideração os tempos antigos em que os homens eram detentores do saber e poder e somente eles podiam ter o privilégio do conhecimento e desenvolver estudos (Strey *et al*,2012).

A linguagem é o meio de comunicação pelo qual é transmitido os saberes através dos grupos sociais e dessa maneira pode ser perpassado as construções de ideais e ser ditado as representações sociais que são formadas por meio da significação pessoal dada as situações vivenciadas coletivamente, assim como as normas, crenças e apesar de algumas coisas como a religião, a morte e as classes sociais serem algo difícil de se formarem, elas podem ser explicadas através das ideologias. O manter-se dentro de estruturas de dominação é resultado das configurações sociais e ideológicas do que acaba sendo naturalizado e espalhado como normal a se seguir socialmente construídas e disseminadas historicamente e culturalmente, formando assim os costumes e ações dos sujeitos (Lane, 2006).

4 VIOLÊNCIA DE GÊNERO E A PSICOLOGIA SOCIAL

Presenciei tudo isso, dentro da minha família
 Mulher com olho roxo, espancada todo dia
 Eu tinha uns 5 anos, mas já entendia
 Que mulher apanha, se não fizer comida
 Mulher oprimida, sem voz, obediente [...]
 (MC Carol, 2016).

De acordo com Minayo (2006), o conceito de violência significa expressar o ato de constranger, utilizando da força física ou tendo atitudes de imposições de uma certa superioridade colocando em questão o desejo de demonstrar posse, poder, anulação e dominação sobre o outro. São comportamentos perpassados, definidos e interpretados de acordo com a época vivenciada, sendo alguns em concordância com as normas e regra, algumas são admitidas e outras não.

Viver socialmente na realidade brasileira é conviver diariamente com episódios de violência contra a mulher, desde criança é ensinado para a mulher as maneiras como ela deve se comportar para que esteja minimamente protegida de ações violentas dos homens, para que não haja brecha para ser estuprada ou agredida, sentar com as pernas cruzadas, não andar sozinha na rua, gritar se alguém tocar em seu corpo, ter cuidado para não ser mal vista e nem mal interpretada, afinal você tem uma reputação a zelar, ter cuidado para não ser mal educada e mesmo assim ter sua voz calada, abafada e desacreditada, esses e outros são alguns dos ensinamentos perpassados para as meninas e mulheres em uma tentativa falha estruturalmente falando, para se proteger de um meio extremamente machista, sexista e misógino em que se luta diariamente pelo direito de viver enquanto mulher.

A violência é considerada um comportamento que incomoda a todos, ou pelo menos deveria incomodar, dessa forma repercute nas questões de saúde comunitária e individual, assim como também mobiliza o sistema capitalista, porque os traumas e danos emocionais ou físicos provocados por ações violentas que causam ausências e custos financeiros para serem tratados pelos hospitais, por consequência a violência se tornou uma questão de segurança e saúde pública, visto que, desorganiza uma sociedade, causa malefícios fisiológicos, psicossociais, emocionais e espirituais e dessa maneira requer intervenções multiprofissionais e intersetoriais (Minayo,2006).

Com o ato da violência, é retirada da pessoa a liberdade de escolha, deslocando-a da posição de ser atuante em sua própria história, subjugando e objetificando a vítima. Para Chauí (1985) a violência é uma violação ou transgressão das normas, das regras e leis, as quais são divididas em dois pontos: em um lado, o sujeito visa dominar, explorar e oprimir o outro a partir de uma conversão de diferenças e relações assimétricas: do outro, a ação de violentar ocorre quando o sujeito visa o próximo

como objeto ou coisa, o retirando de sua humanidade (Chauí, 1985, *apud* Almeida, 2022.p.4).

Segundo Holanda (2021), a violência contra a mulher pode ser designada como o ataque que parte de um homem para uma mulher, seja ele de forma física ou psicológica, são denominadas como formas de crueldade perpassadas e naturalizadas historicamente possuindo raízes do machismo estrutural, essas são recorrentes no dia a dia de uma mulher, independentemente da sua faixa etária, raça ou classe social. A violência contra a mulher pode ser considerada uma doença da sociedade e conseqüentemente uma questão de saúde pública, visto que todo acontecimento de violência consiste na violação de direitos.

Segundo Pereira (2017), no âmbito internacional, o Brasil é signatário de dois documentos importantes: a Convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, considerada um marco na luta pelos direitos das mulheres, e precursora do desenvolvimento e da construção da Lei nº 11.340, conhecida como “Lei Maria da Penha”, e a Declaração e plataforma de ação de Beijing, elaborada durante a IV Conferência Mundial sobre a Mulher. Ainda segundo a mesma autora, na esfera nacional, desde 2011 vigoram o Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres e a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, que aplicaram e fortaleceram as políticas públicas preexistentes em novos eixos de atuação, tais como: garantia da aplicabilidade da Lei Maria da Penha; ampliação e fortalecimento da rede de serviços para mulheres em situação de violência; garantia da segurança cidadã e acesso à justiça; garantia dos direitos sexuais e reprodutivos; enfrentamento da exploração sexual e do tráfico de mulheres; garantia da autonomia das mulheres em situação de violência e ampliação de seus direitos (Brasil, 2011; Brasil, 2016, *apud* Holanda, 2021, p.36).

De acordo com Holanda (2021), há uma variação nos tipos de violências contra a mulher conforme a Lei Maria da Penha:

Tipo de violência segundo a Leis Maria da Penha

Tipos de violência	Descrição
Violência Física	Atos violentos, nos quais se fez uso da força física de forma intencional, não-acidental, com o objetivo de ferir, lesar, provocar dor e sofrimento ou destruir, deixando, ou não, marcas evidentes no seu corpo. Ações que provocam a ruptura da integridade do corpo da mulher.
Violência Psicológica	Toda forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobrança exagerada, punições humilhantes e utilização da pessoa para atender às necessidades psíquicas de outrem. É qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da

	autoestima ou destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da pessoa, lhe causando prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.
Violência Sexual	Ação na qual uma pessoa, em posição de poder e fazendo uso de força física, coerção, intimidação ou influência psicológica, obriga outra pessoa a ter, presenciar, ou participar de alguma maneira de interações sexuais ou a utilizar, de qualquer modo a sua sexualidade, com fins de lucro, vingança ou outra intenção. Incluem-se situações de estupro, abuso incestuoso, assédio sexual, sexo forçado no casamento, jogos sexuais e práticas eróticas não consentidas e impostas. São também os atos que, mediante coerção, chantagem, suborno ou aliciamento impeçam o uso de qualquer método contraceptivo ou forcem a matrimônio, à gravidez, ao aborto, à prostituição; ou que limitem ou anulem a autonomia e o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos.
Violência Patrimonial	Ato de violência que implica dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, instrumentos de trabalho, bens e valores da pessoa. Consiste na exploração imprópria ou ilegal, ou no uso não consentido de seus recursos financeiros e patrimoniais.
Violência Moral	Qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria

(Brasil 2006; Brasil 2014, *apud* Holanda, 2021, p. 37).

A lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, consiste na relevância de resguardar a mulher com o intuito de proteger e prevenir os atos de violência doméstica e o crime do feminicídio, com a tentativa de pôr em prática os seus direitos, por isso a importância da nomeação dos fenômenos para os surgimentos das medidas cabíveis em relação a eles (Seixas, 2022). Foi preciso que muitas mulheres apanhassem, fossem violentadas de diversas formas e morressem para que as medidas protetivas fossem criadas, mas infelizmente ainda assim esses atos ainda acontecem rotineiramente.

A Psicologia Social surgiu na década de 50, com duas pautas, uma nos Estados Unidos que estava buscando estudar processos grupais e as resoluções de conflitos e a outra seguindo

os estudos da filosofia europeia, possuindo embasamento na fenomenologia. A credibilidade da Psicologia social foi bastante questionada devido as dificuldades encontradas por causa das variações dos acontecimentos que não conseguia explicar os comportamentos sociais, para se sobressair em meio aos descontentamentos surgiram novos estudos correlacionando e dando ênfase ao organismo humano e sua interação com o mundo extrínseco e como o meio afeta o sujeito (Lane, 1989).

A psicologia sócio-histórica afirma que a cultura é criada e disseminada de acordo com o que é aprendido e ensinado resultante de uma produção histórica, tendo reflexos dos contextos econômico, social e cultural em que vivem os homens dessa maneira baseada na crítica tem o objetivo de questionar alguns acontecimentos que se assolaram no decorrer do tempo, buscando assegurar os direitos sociais das populações. Ao passar da sociedade feudalista para o surgimento do capitalismo e posteriormente do liberalismo passa-se a aparecer o sentimento de individualidade e a preocupação com o privado, porém sempre deixando muito evidente as hierarquias sociais, dessa forma vem a necessidade do surgimento da psicologia o ser humano começa a olhar para si e surge então o sentimento de igualdade entre os humanos, apesar das inúmeras desigualdades hoje conhecidas (Bock, 2007).

Tendo em vista que, as coisas acontecem por meio dos fenômenos, a psicologia sócio-histórica passa a designar o fenômeno psicológico como algo que se manifesta, aparecendo como relação, distúrbio, estrutura, experiência, entre outros, é algo intrínseco que também tem relações biopsicossociais, em que o ser humano é obrigado a adaptar-se à sociedade em que nasce e desse então é atravessado pela mesma. Resumidamente o fenômeno psicológico é a construção simbólica do social, afirmando que os acontecimentos sociais influenciam na percepção pessoal e na vida como um todo dos sujeitos, dessa maneira o que se explica a naturalização de acontecimentos preconceituosos ao decorrer da história e a dificuldade de quebrar esses ciclos de propagações de comportamentos (Bock, 2007).

Levando em consideração que os aprendizados são repassados de acordo com as relações sociais em que os indivíduos estão inseridos, dando a importância as demarcações sejam elas econômicas, de gênero, étnica, política por meio das socializações primária e secundárias, a primária ocorrendo com a família e a secundária nas relações de produção e materialização. Possibilitando o encontro inevitável da construção da história pessoal e com a história social, tendo em vista que o ser humano é o criador da história. Como resultado dos acontecimentos foi criado as ideologias, que são as perspectivas de interpretar o mundo por meio dos ideais religiosos, políticos, econômicos aquelas que também produzem relações de

produção, que estão pautados nas crenças e valores aprendidos ao decorrer da vida do sujeito (Lane, 1989).

A linguagem surgiu como resultado do movimento para a transformação do meio tendo como objetivo principal a tentativa de garantir a sobrevivência do grupo social e dessa forma se tornando possível o repasse de conhecimentos, crenças, valores, ideias entre as comunidades. As representações sociais podem ser consideradas delineadoras baseadas no controle que findam nas emoções e ações dos sujeitos. Um manda o outro obedece, tendo em vista que são os comportamentos das pessoas que manifestam a sua identidade e não o oposto, pois estão pautados nas manifestações do ideológico, imaginário e o simbólico, as relações de dominação são estabelecidas pelas revelações das superestruturas que ditam as definições dos papéis sociais (Lane, 1989).

A expressão violência de gênero originou-se devido as lutas e movimentos feministas na segunda metade do século XX, que se manifestou com a intenção de questionar e ir contra as normas e regras que sustentavam a dominação masculina e opressão feminina e tornando o assunto como uma responsabilidade social, de saúde pública e não apenas de um casal, que pode ter o violentador sendo um familiar, parceiro, estranho, conhecidos e representantes sociais ditos como importantes (Minayo, 2006).

A violência contra a mulher é um processo extremamente cruel que pode ser explicado pela construção social, cultural e histórica que findaram nas relações de poder, dominação e controle inicialmente explicadas pelas diferenças dos sexos biológicos (Minayo, 2006). A naturalização desses acontecimentos sociais pode ser explicada pelos processos de alienação, dessa forma os comportamentos são reproduzidos sem que haja questionamentos, havendo também resistência a opiniões alheias. As regras, os hábitos e as normas são perpassados pelo processo social de institucionalização, quanto mais esses paradigmas forem bem estabelecidos e determinados maior o controle pelos indivíduos (Lane, 1989).

O estabelecimento de papéis a serem desempenhados leva à sua cristalização, como, por exemplo, o papel da mulher enquanto forma de ser e agir. Essa cristalização faz com que os papéis sejam vistos como tendo uma realidade própria, exterior aos indivíduos que têm de se submeter a eles, incorporando-os. Esta incorporação dos papéis pelos indivíduos realiza-se sob a forma de crenças e valores que mantêm a diferenciação social, visto estar fundamentada na distribuição social do conhecimento e na divisão social do trabalho (Lane, 1989, p. 83).

Os movimentos sociais feministas iniciados anteriormente ao século XX, ajudaram a construir a pauta na Psicologia Social que considera um estudo de grande relevância que perpassa e dar significados as construções culturais dos seres humanos. O movimento feminista

perpassou grandes feitos históricos como, por exemplo, na Revolução Francesa, as declarações de Mary Wollstonecraft de 1792 que reforçava as protestações e solicitações pelos direitos das mulheres, possuindo evidências que propuseram a luta pela igualdade de direitos, movimentos como esse viabilizou o surgimento de novas manifestações (Strey *et al*,2012).

Os estudos de gênero são de uma enorme importância para a psicologia, parte do princípio de buscar entender as relações sociais e de desigualdade que atinge diversas dimensões como a educacional, a de status social, a de relacionamentos afetivos que podem ser geradoras de sofrimento psíquico, ou outros tipos de violências. A hierarquia de poder está associada as formas de controle e poder que permeiam os meios de produção e os bens materiais que estão centralizados nas mãos dos homens, uma sociedade patriarcal que afirma que o homem tem a mulher como propriedade dele e que por mais que algumas sociedades já tenham evoluído as figuras simbólicas e ideológicas do poder de gênero ainda prevalece estruturalmente. Existe uma ordem natural ou religiosa que objetivam explicar algumas razões de subordinação da mulher para o homem, algumas razões culturais tentam explicar e falar que os homens são naturalmente mais agressivos e as mulheres naturalmente mais sensíveis (Strey *et al*,2012).

5 O CONTO DA AIA E OS SEUS REFLEXOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A cada minuto, de cada semana
Roubam nossas amigas, matam nossas irmãs
Destroem seus corpos, desaparecem com elas [...]
Que caia pela força o feminicida [...]
(Quintana, 2020).

Em São Paulo, no ano de 2022 foi registrado 195 casos de feminicídio, do ano de 2015 ao ano de 2023, foram registrados 1060 feminicídios. A notícia confirma que na maioria dos casos o agressor é o companheiro da vítima e o ato tem como antecedente a violência doméstica (Damasceno; Ponceano, 2023). Em Santa Catarina uma criança do sexo feminino ficou grávida após ser vítima de estupro e teve a solicitação de aborto negado por uma juíza, a criança foi levada para um abrigo para que não houvesse o aborto, após isso os representantes da família entraram com um habeas corpus para que prosseguissem para a interrupção da gravidez (Mayer, 2022). No ano de 2023, foram registrados no Brasil 34 mil casos de estupro nos primeiros seis meses do ano (Alves, 2023).

A definição de patriarcado pode ser classificada como um instrumento de dominação que é representada nas instituições, seja na família, na economia e na política, tendo os seus

princípios baseados na desvalorização da mulher e no enaltecimento dos homens inicialmente com a tentativa de comprovação por meio das diferenças do sexo biológico. A divisão dos papéis é nítida na obra *O conto da Aia* quando as mulheres são designadas a ter somente as responsabilidades interligados aos afazeres domésticos, sendo proibidas de ler e controladas cotidianamente e os homens possuem poder sobre elas, eles podem sair livremente e exercer o hábito da leitura. No livro a estrutura patriarcal, machista e sexista é inevitavelmente reproduzida pelas mulheres, infelizmente elas não têm espaço para a sororidade e é reforçado os atos de rivalidade, colocam uma contra a outra, fazendo com que não confiem em absolutamente ninguém, dessa forma fortalecem os preceitos de controle e violência da república (Lima, 2017).

De acordo com uma construção sócio-histórica do que é ser ideal por meio de um contexto cultural e estrutural foi determinado o controle do corpo feminino e da feminilidade, consequentemente foi imposto que o gênero masculino possui poder sobre o feminino. A obra *O conto da Aia* é uma ficção, porém a autora descreve como se fosse possível de acontecer em um futuro próximo, considerando os dilemas éticos e sociais que acontecem em desfavor das mulheres, visto que, alguns fatos podem se assemelhar a situações da sociedade contemporânea, pois fazem parte de uma sociedade estruturalmente machista e misógina, onde tais comportamentos foram insensatamente reproduzidos e naturalizados (Carvalho,2019).

No livro a dicotomia homem/mulher fica evidente, escancara o patriarcalismo estrutural desde o momento em que congelam as contas bancárias das mulheres e mandam o dinheiro para o homem mais próximo que a representam e junto a isso anulam todos os direitos das mulheres, elas não são consideradas como sujeitos e sim como propriedades do governo e dos comandantes, tornando evidente a violência de gênero. A República de Gilead transforma a sociedade em um lugar com uma segurança bastante reforçada, colocando inúmeros guardiões e soldados para concederem a vigilância diariamente, tendo também os chamados “olhos”, pessoas infiltradas para obterem informações e repassarem as autoridades, inviabilizando as possibilidades das mulheres se rebelarem (Molari,2019).

No livro *O conto da Aia* a mulher só possui o seu verdadeiro valor se ela conseguir gerar um filho, novamente associando a mulher somente a maternidade e aos atos de cuidados, sendo nítido no livro que o ato sexual deve ser somente com o objetivo de futuramente dar à luz a um bebê e jamais ser levado em consideração sentir prazer. É visto ao decorrer da obra a mortificação do eu e o apagamento da subjetividade que acontecem com as mulheres, antes elas tinham suas vidas, famílias, trabalhos e de uma hora para outra retiram os seus nomes e colocam

outro em uma tentativa de apagar as suas histórias e dão a elas apenas o destino da procriação (Lima,2017).

A obra *O conto de Aia* foi escolhido porque retrata bem a anulação dos direitos das mulheres e as imposições de controle e poder sobre os seus corpos, levando em consideração a interpretação da sociedade teocêntrica estabelecida no livro sobre o que é ser mulher e como devem se comportar. A sociedade instituída é extremamente preconceituosa, misógina e homofóbica, uma vez que, o poder fica centralizado nas mãos dos homens, que são os detentores da palavra, somente eles têm acesso as escrituras sagradas e conseqüentemente eles ditam as normas e regras. No capítulo II, é comentado sobre a substituição das palavras por imagens para que as mulheres não lessem, existem palavras proibidas de serem faladas, é comentado também que pessoas mortas eram expostas nos muros para servir de exemplo, identificados como gay, médicos que faziam aborto, ou que cometeram algo que iria contra as regras da sociedade (Atwood, 2017).

A República de Gilead é a denominação do regime totalitário implementado nos EUA, representado no livro, a taxa de natalidade caiu por causa da poluição e radiação que acometeu a sociedade daquela época e conseqüentemente causou infertilidade. Foi instaurado um sistema de segurança e controle que impediam as mulheres de causar qualquer rebelião, as silenciam totalmente e espalham a ideia de um propósito maior, propagando que é um milagre que elas ainda sejam férteis e que elas em nome da religião foram destinadas a gerar filhos para as famílias das pessoas mais poderosas da sociedade, colocando a mulher em uma posição de servir e obedecer. Expressões como “Bendito seja o fruto” e “sob o olho dele” são utilizadas diariamente como uma forma de cumprimento entre as pessoas daquela sociedade (Atwood, 2017).

A República de Gilead consolidou castas considerando um valor hierárquico, como por exemplo, as Tias são as responsáveis pela doutrinação, supervisão e uma espécie de lavagem cerebral das Aias, as esposas dos comandantes usam azul, as Aias usam vermelho e branco, as Marthas usam tons de verde, elas cuidam dos afazeres domésticos, as Econoesposas são as mulheres dos homens mais pobres e usam vestidos listrados com as cores, vermelho, azul e verde e as Não mulheres são aquelas que se recusaram a participar dos rituais de cerimônias para gerarem filhos para as famílias dos comandantes, elas são mandadas para os locais que estão poluídos e com radiação (Atwood, 2017).

No capítulo VI, Atwood (2017), fala sobre o dia da cerimônia da protagonista, a Aia Offred, todos se reuniram na sala a esposa do comandante, as duas Marthas e o guardião

aguardam na sala da casa a chegada do comandante para a cerimônia, ao chegar ele tira de um cofre a sua bíblia, que somente os homens podem ler e então ele recita;

Dá-me filhos, ou senão eu morro. Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto do teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha; entra nela para que tenha filhos sobre os seus joelhos, e eu, assim receba filhos por ela. (...) Então disse Lea, Deus me tem dado o meu galardão, pois tenho dado minha serva ao meu marido (ATWOOD, 2017, p.109).

Após o ato da oração, eles sobem para o quarto e a Aia deita-se com a cabeça para cima entre as pernas da esposa e o comandante fica entre as pernas da Aia até consumir o ato. A república de Gilead propaga a ideia de que os momentos das cerimônias são divinos, preciosos e que as Aias possuem escolha, visto que não é considerado estupro para eles, elas podem optar por serem classificadas como Não mulheres e mandadas para os locais radioativos para morrerem (ATWOOD, 2017).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se constituiu na árdua tarefa de recolher materiais publicados somente por mulheres, visto que a sociedade e o ambiente acadêmico não valorizam os conteúdos produzidos por mulheres. Contendo o objetivo de discutir sobre a violência contra o gênero feminino e as suas consequências, identificadas e definidas como assuntos de saúde pública que atualmente são resguardados por leis e normas que visam a proteção da mulher, apesar dos avanços conquistados pela luta feminina ainda assim existe muitos retrocessos reproduzidos violentamente e cruelmente na contemporaneidade.

É notado que até a história das mulheres foram inicialmente escritas pelos homens, pois a mulher não era considerada um ser de direitos e ler e escrever era um dos direitos inicialmente retirados, sendo possível identificar esse acontecimento na obra O conto da Aia, na qual foi escolhida para uma ligeira análise ao se comparar com a sociedade atual, os acontecimentos descritos na distopia se assemelham terrivelmente com situações do cotidiano ao serem comparados com algumas notícias do Brasil.

Trabalhos como esse possuem extrema relevância para dar voz para essa temática, falando sobre um assunto que dissemina muita crueldade, que é social e histórico e que infelizmente ainda acontece com muita frequência. A atual pesquisa me inquieta e me movimenta a ter o desejo de pesquisar cada vez mais sobre o assunto, tendo como aspiração produzir estudos com grupo de mulheres com a finalidade de promover discussões sobre a

importância para a construção do empoderamento feminino e o enfrentamento dos tipos de violência.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Lissandra Gomes. **Desconstruindo Amélia**: Uma discussão sobre a violências de gênero e a atuação do profissional de psicologia frente o acolhimento às vítimas. 2022. Oeirntadora. Indira Siebra de Holanda. 2022. p. 17. Trabalho de conclusão – Psicologia, Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2022.

ALVES, Ana, Patrícia. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-registra-34-mil-casos-de-estupro-no-1o-semester-de-2023/> Acesso em: 16 nov. 2023.

ALVES, Schirlei Alves; SEMENTE, Marcella. **Universa Uol**, 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2023/08/15/estupradas-no-brasil-venezuelanas-desconhecem-lei-se-abortar-vai-presa.htm#:~:text=Imigrantes%20venezuelanas%20respondem%20por%2015,de%20estupro%20dentro%20dos%20abrigos.> Acesso em: 08 set. 2023.

ATWOOD, Margaret Eleanor, 1985. **O conto de Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BARREIR, Cesár Mortari; FONSECA Júlia Albergaaria Guedes da. **Politize**, 2022. Disponível em: [https://www.politize.com.br/violencia-domestica-pandemia/#:~:text=\(iii\)%20Cerca%20de%203%2C,ou%20sofreram%20tentativa%20de%20estrangulamento.](https://www.politize.com.br/violencia-domestica-pandemia/#:~:text=(iii)%20Cerca%20de%203%2C,ou%20sofreram%20tentativa%20de%20estrangulamento.) Acesso em: 08 set. 2023.

BEAUVOIR, Simone, **O segundo sexo I**. Fatos e Mitos. 4 ed. Difusão Europeia do livro. São Paulo, 1970.

BEAUVOIR, Simone, **O segundo sexo II**. A experiência vivida. 2 ed. Difusão Europeia do livro. São Paulo, 1967.

BOCK, B. M. A. *et al.* **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia - 3. ed. - São Paulo: Cortez, 2007.

CARVALHO, Marina Moreira Antonucci de. **Violência de gênero e seus dispositivos**: uma análise articulada à distopia “O Conto da Aia”. 2019. Ana Flávia do Amaral Madureira. P. 88. Monografia. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília 2019.

DAMASCENO, Cindy; POCEANO, Bruno. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sp-teve-195-vitimas-de-feminicidio-em-2022-recorde-de-serie-historica/> Acesso em: 16 nov. 2023.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 4 ed./ Elisa Pereira Gonsalves. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

HOLANDA, Indira Feitosa Siebra. “**Meu choro não é nada além de carnaval**”: a (in)visibilidade das discussões sobre violência contra a mulher na formação nos cursos de psicologia. 2021. Orientador. Marcus Cézar de Borba Belmino. P. 71. Dissertação (Mestrado em psicologia em ensino em saúde), Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2021.

LANE, Silvia T. M. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense. 2006.

LANE, Silvia. T. M. A Psicologia e uma nova concepção do homem para a Psicologia. *In*: LANE, Silvia. T. M.; CODO, Wanderley. **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense. 1989. P.10 – 19.

LANE, Silvia. T. M. Consciência /alienação: a ideologia no nível individual. *In*: LANE, Silvia. T. M.; CODO, Wanderley. **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense. 1989. P. 40 – 47.

LANE, Silvia. T. M. Linguagem, pensamento e representações sociais. *In*: LANE, Silvia. T. M.; CODO, Wanderley. **Psicologia Social: O homem em movimento**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense. 1989. P. 32 – 39.

LIMA, Paula Bastos de. **A representação da mulher em O Conto da Aia**: a influência da cultura patriarcal na percepção da mulher. 2017.

MACHADO, Juliano. **Justiça do Trabalho TRT da 4ª Região (RS)**, 2023. Disponível em: [https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/546409#:~:text=A%20pesquisa%20apontou%20que%20um,Sa%C3%BAde%20\(OMS\)%20em%202021](https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/546409#:~:text=A%20pesquisa%20apontou%20que%20um,Sa%C3%BAde%20(OMS)%20em%202021). Acesso em: 08 set. 2023.

MAYER, Sofia. **G1 Santa Catarina ncs TV**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/06/23/aborto-negado-por-juiza-de-sc-a-menina-de-11-anos-estuprada-repercuta-na-imprensa-internacional.ghtml> Acesso em: 16 nov. 2023.

MC CAROL. **100% feminista**. Tropkillaz: 2016. 3min20seg.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. Temas em Saúde collection. 132 p. E-Book. Disponível em <http://books.scielo.org> Acesso em: 12 dez. 2023.

MOLARI, Beatriz. O patriarcalismo em O Conto da Aia. **Revista Artemis**, v. 28, n. 1, p. 179, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/47772> Acesso em: 10 ago. 2023.

OLIVEIRA, Nina. **Disque denúncia**. 2019. 3min28seg.

QUINTANA, Vivir. **Música sem medo**. 2020. 3min49seg.

SEIXAS, Fernanda Silva. **Lei 11340-2006**: a lei maria da penha e sua importância. André Luiz Nicolitt. p. 17. Trabalho de conclusão – Direito, Centro universitário FG – UNIFG, 2022.

SOARES, Adriana Pereira. *et al.* **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

STREY, Marlene Neves. Gênero. Livro-texto. **In:** STREY, Marlene Neves et al. **Psicologia Social contemporânea**. 18.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. P. 180-197.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.